

A CONTRACULTURA EM HOLLYWOOD: SEM DESTINO NA ERA DE AQUÁRIO

COUNTERCULTURE IN HOLLYWOOD: WITHOUT DESTINY IN THE OF AQUARIUS

JULHIAN RIBEIRO DE ABREU

Técnico em Mecatrônica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul). Acadêmico de Publicidade e Propaganda na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

KATIELE ABREU RODRIGUES

Técnica em Mecatrônica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul). Acadêmica de Engenharia de Controle e Automação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

MAELLI SANTOS FREITAS

Técnica em Mecatrônica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul). Acadêmica do curso de Operador de Processos Siderúrgicos no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI).

CHARLES SIDARTA MACHADO DOMINGOS

Doutor, Mestre e Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul).

RESUMO

A década de 60 foi marcada por grandes acontecimentos em todo o mundo, e claro, nas terras do Tio Sam não seria diferente. Cerca de 10 anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos entraram em mais um conflito, uma intervenção militar no Vietnã do Norte. A sociedade norte-americana sofria por ter cada vez mais dos seus jovens sendo mandados para a batalha, voltando mortos ou mutilados, resultando em uma imensa insatisfação com o governo de Lyndon Johnson acarretando menor apoio da sociedade com o conflito e gerando grandes manifestações para a retirada do exército americano da guerra. Os hippies formaram um dos mais populares movimentos de contracultura norte-americana, dispostos a oferecer uma visão de mundo revolucionária e oposta à imposição da sociedade capitalista. Em sua maioria jovens, estes abandonaram suas famílias e lares para se entregarem a uma vida comunitária, buscando a libertação das regras da vida social. Atentos ao destaque e as repercussões que os movimentos ganharam, diretores e roteiristas

investiram em produções associadas ao tema, como os filmes *Easy Rider* (1969) e *Hair* (1979) – adaptação do musical de 1967. O tema contracultura, muitas vezes, é pouco abordado e estudado nas salas de aula, fazendo com que se conheça superficialmente o tema e sejam criadas opiniões equivocadas a respeito. Os movimentos da época inspiraram diversas manifestações pelo mundo, algumas destas com resultados refletidos nos dias de hoje. Com o intuito de pesquisar o modo como os filmes *Hair* e *Easy Rider* retrataram o movimento de contracultura, o projeto pretende analisar e comparar estas produções buscando entender a maneira como a contracultura estava sendo vista, conforme a época em que foram produzidos. Ademais, com a pesquisa também se busca promover uma análise dos impactos gerados pelo mundo com os movimentos sociais e a importância dos filmes como ferramenta de estudo.

Palavras-chave: Contracultura; *Hair*; *Easy Rider*.

ABSTRACT

The sixties were marked for big events all over the world, and of course, in the Uncle Sam's lands would not be different. Around 10 years after the end of the Second World War, the United States joined another conflict, a military intervention in North Vietnam. The American society suffered for having their teenagers sent to the battles, returning dead or mutilated, resulting in a big dissatisfaction with government of Lyndon Johnson causing less support of the society with the conflict and resulting in big manifestations for the removal of American army at the war. The hippies formed one of the most popular counterculture movements in north America, disposed to offer a revolutionary vision of the world and opposed of the capitalist society impositions. In their majority were teenagers, they left their families and homes to live in community, searching for freedom of social life rules. Attentive to the prominence and repercussions that the

movements gained, directors and screenwriters invested in productions associated with the theme, such as *Easy Rider* (1969) and *Hair* (1979) - adaptation of the 1967 musical. The counterculture theme is rarely approached and studied in classrooms, making the subject superficially known and creating mistaken opinions about it. These movements inspired several manifestations around the world, some of them with results reflected today. In order to research how the films *Hair* and *Easy Rider* portrayed the counterculture movement, the project intends to analyze and compare these productions in order to understand the way the counterculture was being seen, according to the time when the films were produced. Furthermore, the research also seeks to promote an analysis of the impacts generated by the world with social movements and the importance of films as a study tool.

Keywords: Counterculture; *Hair*; *Easy Rider*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO; 1 PANORAMA DA CONTRACULTURA; 2 DEIXE O BRILHO DO SOL ENTRAR: *HAIR* E O MOVIMENTO DE CONTRACULTURA; 3 A BUSCA PELA VERDADEIRA AMÉRICA: RETRATO DA CONTRACULTURA NO FILME *EASY RIDER*; CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo entrou em um período totalmente novo: a Guerra Fria (1945-1991). Palco de uma disputa hegemônica pelo poder político e econômico entre os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) a Guerra Fria não pode ser entendida sem a sua dimensão cultural. E o cinema configura como uma fonte bastante adequada para a análise dessa dimensão: nos filmes estão presentes diversos elementos ideológicos que nos permitem compreender melhor como as sociedades se organizam – tanto pelo que é representado nas películas quanto pelo momento em que são produzidas.

Nesse artigo resolvemos tratar de uma manifestação muito particular da Guerra Fria no mundo capitalista: a contracultura. Para tanto, é necessário mencionar que a sua forma mais

expressiva, o movimento hippie, foi muito conhecido superficialmente, de modo que este quase não é abordado com olhares de entendimento, mas sim de repressão. E isso não nos parece a forma mais adequada para se entender aquele período e aquela manifestação social. Por isso buscamos tentar incorporar o estudo dessa temática à nossa vida acadêmica, seja por meio de leituras e/ou debates a respeito.

Desse modo, escolhemos analisar nesse trabalho dois filmes emblemáticos produzidos em Hollywood durante a Guerra Fria e que trazem a contracultura como seu elemento central. *Easy Rider*, vertido para o português como *Sem Destino*, é um filme que aborda, acima de tudo, as formas pelas quais a sociedade capitalista lidava com as diferenças do padrão dominante. Muito mais do que a história de dois motoqueiros hippies, o que caracteriza o filme é o medo que o diferente impinge sobre a versão dominante da sociedade.

Foi através das músicas *Aquarius* e *Let the Sunshine in* que entramos em contato com o musical *Hair*, descobrindo nesta apresentação uma forma muito impressionante de conhecer mais sobre o movimento hippie. As letras destas carregavam toda a luta que era enfrentada, sempre com aquele tom de revolta e indignação perante a sociedade da época. Com as músicas, danças, cores, diversão e um show de interpretação este se tornou ainda mais interessante, pois aguçou nossos diversos sentidos nos momentos de análise.

Entender o impacto causado no mundo capitalista pela contracultura, através da análise desses dois filmes, é o nosso objetivo central nesse trabalho. Como objetivos específicos, queremos analisar, através das fontes primárias (os filmes) e as fontes secundárias (bibliografia histórica), as ações, ideais e estilo de vida adotado pelos adeptos do movimento bem como suas críticas ao mundo realmente existente, em consonância com a década de 1960 e, em especial, com o ano de 1968.

1 PANORAMA DA CONTRACULTURA

Nem sempre os filmes foram considerados uma fonte de pesquisa, pois os historiadores os classificavam como invenções do homem, falsificações, "atrações de feira". Na época,

conforme o texto de Marc ferro, os historiadores não poderiam classificar como documento válido, pois seguiam certo modelo de pesquisa.

O historiador não poderia apoiar-se em documentos desse tipo. Todos sabem que ele trabalha numa caixa de vidro "eis minhas referências, minhas hipóteses, minhas provas". Não viria ao pensamento de ninguém que a escolha de seus documentos, sua reunião, a ordenação de seus argumentos têm igualmente uma montagem, um truque, uma falsificação (FERRO, 1976, p.202).

Porém, no século XX, com a apresentação de novos objetos de estudo, não só aqueles que os historiadores e pesquisadores estavam acostumados, o cinema passou a ganhar espaço como simpatizante da história e um registro da própria. Além disso, ganhou espaço como objeto de análise de historiadores.

De acordo com Ferro, o cinema passa a ser produto da sociedade e deixa de ser obra de arte. Os filmes, na sua maioria, nada mais são que representações da realidade e da sociedade, de modo a criar uma situação para representar um momento histórico vivido.

As produções cinematográficas podem ser consideradas um dos pilares das pesquisas históricas. Pois possuem um cenário real e transmitem conceitos e valores de acordo com sua ambientação. Além disso, podem auxiliar certos conceitos históricos de forma que trazem um recorte memorial junto a uma história paralela fictícia, por exemplo, o filme *O Patriota* que retrata isto, porém em um cenário de guerras que ocorreram na independência dos Estados Unidos. Outro exemplo é o filme *Tempos Modernos*, onde Chaplin faz uma crítica divertida do sistema de produção, que aliena os operários nas fábricas junto com capitalismo e a revolução industrial, situação real vivida na época.

É importante lembrar que para o estudo da história com base em filmes é necessário ter um panorama geral do assunto a ser tratado, para complementar o conhecimento adquirido na obra cinematográfica. Porém a construção de uma análise ou uma pesquisa histórica deve ser feita com cuidado, pois possuem vários elementos a serem estudados. O filme não é o estudo totalizado, e sim um complemento, um agente histórico.

É necessário aplicar esses métodos a cada substância do filme (imagens, imagens sonoras, imagens não sonorizadas), às relações entre componentes dessas substâncias; analisar no filme principalmente a narrativa, o cenário, o texto, as relações do filme com o que não é o filme: o autor, a produção, o

público, a crítica, o regime. Pode-se assim esperar compreender não somente a obra como também a realidade que apresenta (FERRO, 1976, p. 203).

Para realizar uma pesquisa relacionada a um filme, é importante focar em pequenos fragmentos, relacionando-os com as ciências humanas. É necessário analisar sons, imagens, cenas, cenários, diálogos, expressões e todos os núcleos presentes; associando com a sociedade, o público, o governo e a situação naquele período histórico. Neste caso, é preciso ligar a produção cinematográfica com a época que fora produzida e por quem, para entender como os valores estão sendo nelas expressos.

Então, com a ajuda de leituras e conhecimento no meio é possível encontrar pontos de adesão, rejeição, e minimização das ideologias do determinado grupo social apresentado na obra ou acontecimento histórico.

Para este projeto, assistiremos os filmes para fazer a análise, pegando referências dos acontecimentos relacionados ao tema, associando estes aos conhecimentos adquiridos nas leituras sobre o assunto. Após estas etapas, as obras serão comparadas, apontando suas semelhanças e diferenças no retrato da temática.

Nos parágrafos seguintes, serão apresentados os recortes mais importantes retirados das fontes secundárias, livros relacionados ao tema pesquisado, que serão utilizadas posteriormente para a análise e comparação dos filmes, compreendendo o contexto em que

O livro *1968: contestação e utopia* foi produzido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Neste os acontecimentos da época são debatidos através do olhar de variados autores, o que culmina numa ampla ideia. Dos 14 capítulos, 4 foram lidos, e nestes há uma ampla visão do grupo.

Mil novecentos e sessenta e oito foi o ano síntese da explosão de múltiplos acontecimentos mundo afora que tiveram, no seu epicentro, a participação dos estudantes. Quase sozinhos, em alguns casos, articulados com diversos setores sociais e políticos, em outros, expressaram um potencial de crítica e anseio de mudança que abalou as estruturas de poder vigentes (PADRÓS, 1998, p. 9).

O capítulo *Introdução – 1968: contestação e utopia* já se inicia, com o trecho mostrado acima, informando de maneira clara o que ocorreu na época, com uma explicação prévia do que seria abordado nesta parte. O inconformismo de muitos fez com que os espaços político e social fossem abalados com as transformações reivindicadas, em maioria pelas novas gerações. O

mundo se viu sendo movimentado com as transformações e movimentos, cidades como: Rio de Janeiro, Los Angeles e Paris se depararam com a sociedade sendo fortemente abalada através das mais variadas maneiras de expressão.

O que aconteceu no mundo não era algo esperado pela maioria, mas devido aos acontecimentos que antecederam 1968 muitos estudiosos já pensavam em algo com tamanha dimensão. O que resultou o 68 não foi um simples fato que surgiu do nada, mas sim uma crise, que agrupou alguns fatores complexos em mesmo momento. Essa crise e mais alguns elementos que culminaram nesta “revolução” tida em 1968 são bem esmiuçados no capítulo *O contexto de 1968* escrito por Luiz Dario Ribeiro Teixeira.

Em *Quando o mundo era jovem* de Maria Eunice Maciel, os jovens são mostrados pelo mundo. Enquanto alguns enfrentavam a ditadura, questionavam métodos e ideias, quebravam tabus e propunham maneiras alternativas de viver, outros viviam da maneira provinciana como a sociedade queria, para assim não serem alvo de estigma e causarem escândalos a família. Mesmo com todas as batalhas, esta não foi uma época de tristeza.

Foi uma época de luta mas não uma época cinza e triste. Foi o tempo da minissaia, dos cabelos compridos, dos Beatles e dos Rolling Stones. Foi o tempo dos festivais de música (e grandes batalhas foram ali travadas), de Leila Diniz simbolizando uma nova mulher e uma nova sexualidade. Foi um tempo contraditório mas, talvez por isso, tão rico (MACIEL, 1998, p. 35).

1968: ou como a política invadiu a cultura de Luiz Roberto Lopez, mostra a maneira como os meios culturais foram controlados pela política, impedindo a liberdade de expressão e mostrando somente aquilo que era do gosto daqueles que estavam no poder. Com um foco para a ditadura militar no Brasil, este mostra que mesmo com a repressão, os grandes talentos fizeram sucesso e trouxeram músicas que são conhecidas até hoje.

No livro *68 História e Cinema*, três capítulos foram lidos, partindo de *Sonhos de 68: sexo, cinema e...Revolução?* de Charles Sidarta Machado Domingos e Cesar Augusto Barcellos. Este capítulo faz uma contextualização do uso dos filmes como forma de representação da visão da sociedade perante os eventos ocorridos em 68. Os autores usam *Os Sonhadores* para fazer a análise. Essa produção retrata de maneira contemporânea os fatos ocorridos em Paris de 1968. Para a pesquisa, este capítulo serviu apenas de base por apresentar apenas a forma contemporânea de representação da vida real, servindo de apoio para a posterior

construção da análise crítica dos filmes. Já os capítulos *Corações & Mentos norte - americanos e vietnamitas* de Guilherme Felkl Sengere *Cinema e Guerra do Vietnã: uma visão geral* de Nilo André Piana Castro ,descrevem a Guerra do Vietnã em sua, quase totalidade, trazendo fatos anteriores e posteriores ao conflito. Ambos também trazem a análise de documentários. *Corações & Mentos* buscava apresentar ao público a visão e os resultados da Guerra do Vietnã e as atrocidades por parte dos norte-americanos, dando voz ao povo vietnamita.

Frente a tantos casos, pode-se dizer que, ao longo do conflito do Vietnã, uma grande parte da população norte - americana e dos próprios combatentes já não apoiavam mais o combate. Diferentemente, do lado, vietnamita, desde o início, estavam bem claros os propósitos da guerra (SENGER, 2008, p. 35).

O governo norte-americano contra-atacava com mais documentários e declarações do governo na mídia, salientando que a intervenção era de extrema importância e que os EUA estavam ajudando a fazer o certo, libertando o Vietnã dos comunistas.

Lyndon Johnson substitui Kennedy e seguiu balizado pela teoria do dominó. Fez com que os EUA seguissem a escalada de envolvimento. "Temos um compromisso com a liberdade do Vietnã. Podemos sair de lá, mas os dominós vão cair, aquela parte do mundo será dos comunistas - ou podemos enviar nossos fuzileiros" (CASTRO, 2008, p.42).

Para o autor de *Cinema e Guerra do Vietnã: uma visão geral*, a Guerra do Vietnã foi a primeira guerra com grande interferência televisiva, diferentemente das outras guerras, pois transmitiam com agilidade os acontecimentos da Guerra. Este capítulo apresenta diversos filmes e documentários, tanto defensores dos EUA, quanto dos defensores dos vietnamitas.

O livro *O que é a Contracultura* de Carlos Alberto M. Pereira traz uma ampla e detalhada explicação sobre o tema, mostrando impactos, movimentos, eventos, a história de vida dos defensores e atuantes da contracultura, em diferentes partes do mundo. O autor mostra no início do livro um breve significado do assunto:

- a) como fenômeno histórico concreto e particular, cuja origem pode ser localizada nos anos 60;e
- b) como uma postura, ou até posição, em face da cultura convencional, de crítica radical (PEREIRA, 1986, p. 14).

Para o autor, a Contracultura teve início nos Estados Unidos, mesmo a Europa tendo uma grande influência no desenvolvimento deste ideal, foi nos EUA que os movimentos de juventude tomaram mais poder, sendo assim criados grupos que se contrapuseram à cultura tradicional. Um dos maiores e mais conhecidos grupos - o estopim da contracultura estadunidense - foram os beatnicks, primeiros representantes da rebeldia e do anarquismo nos anos 50. Outro grupo procedente a esta década são os hippies. Eles lutavam contra os acontecimentos dos anos sessenta, como desigualdade racial, crescimento da corrida armamentista e Guerra do Vietnã. Mas diferente dos beatnicks, estes defrontavam a esses eventos de uma forma mais leve e pacífica:

Foram os *beatnicks* um dos grupos de destaque a encarnar, de modo especialmente vigoroso, a rebeldia marginalizada dos anos 50 nos Estados Unidos. Já fascinados pelas doutrinas orientais, ponto fundamental de encontro entre eles e os alegres *hippies* dos anos 60, rejeitavam o caminho do intelectualismo, devotando-se a uma vida marcadamente sensorial e deixando-se a arrastar por sua ludicidade e desprezo pelas satisfações de uma carreira e de um rendimento regular (PEREIRA, 1986, p.34).

Os dois capítulos de *Tio Sam vai à guerra* são especificamente sobre o filme *Hair*, se diferenciando de *68 História e Cinema* e *1968* por focar mais nos movimentos da época do que na Guerra em si. Em *Cabelos, Flores e a Era de Aquário* o autor Lucas Maximiliano Monteiro compara a versão cinematográfica com o musical de 1968. *Hair*, o musical, foi escrito com a intenção de inovar e mostrar de forma contemporânea as experiências dos jovens norte-americanos. Além disso, fora escrito no início da Ofensiva Tet no Vietnã. A Ofensiva Tet foi uma estratégia elaborada pelos norte-vietnamitas que causaram ainda mais baixas nas tropas norte-americanas, por meio das características geográficas e suas armadilhas. Devido a essas perdas, a moral dos EUA começou a perder sua força, culminando na aparição de grupos de contracultura:

Seu apoio às tropas do Vietnã do Sul custou não apenas baixas humanas de soldados que voltavam em sacos pretos, mas também provocou baixa moral política dos Estados Unidos enquanto potência militar, além de problemas internos a serem resolvidos como as manifestações contra a guerra e o surgimento de diversos movimentos populares, como o hippie e o negro (MONTEIRO, 2010, p. 172).

Uma diferença apontada em relação ao musical, é a questão das drogas. O grupo hippie que aparece no filme eram apenas consumidores de drogas, e não buscavam uma expansão da consciência como o movimento hippie pregava. Os jovens do movimento hippie procuravam uma experiência psicodélica e uma exploração da sua consciência.

De um modo geral, a maneira com que o filme é apresentado não mostra a totalidade do movimento hippie, não revelando sua militância como o esperado, fazendo assim um recorte nas ideologias propostas pelo movimento.

Essa opinião é dividida também pelo outro capítulo, nomeado *Hair* de Maria Luiza Filippozzi Martini, que afirma que o filme não tem referência a militância que une o grupo de hippies protagonistas. Além de, também apontar as questões acerca do uso de drogas. A autora cita o Youth International Party (YIP) e o New Left, que aparecem pela primeira vez nas leituras feitas. Um fato interessante, é que a autora mostra as leituras que os estudantes norte-americanos faziam e como isso influenciou nos seus sentidos críticos e no caráter da revolução imposta por eles, New Left e YIP.

Uma das diferenças entre os dois capítulos é que este não dá muita ênfase à Guerra e no que culminou o movimento, mas sim na relação com outros movimentos estudantis e suas semelhanças, focando também na parte social e filosófica destes grupos. O filme, para a autora, é tanto sobre Yippies quanto hippies, pois possui características de ambos os movimentos.

O Hippie evita contatos com o adversário, pede dinheiro quando não consegue viver de artesanato, música, produção de alimentos naturais, procura imersão no seu modo de vida. O Yippie assedia, busca confronto, ridiculariza mas não usa violência física (MARTINI, 2010, p. 190).

Enquanto *Cabelos, Flores e a Era de Aquário* relacionava os acontecimentos da década de 60 e comparava o musical de James Rado e Gerome Ragni e o filme de Milos Forman, o capítulo *Hair* dava enfoque para outros movimentos de minorias esquerdistas, encontrando pontos semelhantes entre eles e o movimento hippie.

2 DEIXE O BRILHO DO SOL ENTRAR: *HAIR* E O MOVIMENTO DE CONTRACULTURA

Hair é um filme norte-americano lançado em 1978 e dirigido por Milos Forman. O filme é uma adaptação de um musical da Broadway de mesmo nome, estreado em 1968. *Hair* de Milos conta a história de Claude, um menino de uma família tradicional americana, que mora em Oklahoma e que viaja para Nova Iorque para seu alistamento militar. Lá conhece um grupo de hippies intitulados de “A Tribo”. A partir disso, Claude vivencia outra realidade e conhece os princípios do movimento hippie. Junto com as experiências de Claude, iremos analisar o retrato da contracultura nesta película através de suas músicas e cenas.

Milos Forman traz algumas críticas contra a sociedade tradicional americana da época, feitas pelos membros dos movimentos hippies. A primeira crítica feita no filme já aparece na primeira cena, onde os hippies estão em volta de uma fogueira e Berger, o líder do grupo, está lendo um folheto de chamamento às forças armadas americanas. Logo que ele termina sua leitura, joga o folheto na fogueira em forma de manifesto contra o alistamento de jovens para a Guerra do Vietnã.

Os principais retratos da contracultura no filme estão em suas músicas, a primeira delas acontece após a cena citada acima, onde há um grande grupo de hippies em uma praça dançando, pulando, correndo. Tudo isso ao som de *Aquarius*, que traz a esperança de uma nova era:

Este é começo da Era de Aquarius
A Era de Aquarius
[...]
Harmonia e compreensão
Simpatia e confiança existirá
Não mais falsidade ou escárnio
Devaneios dourados de visões
Revelação de cristais místicos
E a verdadeira liberação da mente
Aquarius! (*Aquarius*, MACDERMOT, 1978)

A Era de Aquário é um credo astrológico onde se diz que quando o sol se alinhar com a constelação de Aquário, o amor, a paz, a liberdade e a união reinarão no mundo. Isto não é somente uma crença astrológica, mas sim, o grande sonho e objetivo de qualquer hippie.

O protagonista se depara com uma realidade totalmente diferente da qual ele costumava viver em Oklahoma, aprendendo valores contrários aos que lhe foram ensinados pela família. Seu primeiro choque de realidade acontece quando conhece Jeannie, que está grávida, porém desconhece o pai de seu bebê. A situação de Jeannie é uma menção ao amor livre, poligamia e a sexualidade, que eram comportamentos reprimidos pela sociedade tradicional da época. Isso aparece na música *Sodomy*, que além do amor livre traz tabus ainda maiores, como: masturbação e sexo anal:

Sodomia
Felação
Cunilíngua
Pederastia
Pai, por que estas palavras soam tão nojentas?
Masturbação
Pode ser legal (*Sodomy*, MACDERMOT, 1978)

Em seguida, Claude é apresentado às drogas. Na cena, ele e A Tribo estão em um beco ingerindo entorpecentes, tudo isso na sequência da música *Donna*, que traz a alusão ao consumo de alucinógenos em sua letra:

E eu vou amá-la e fazer amor com ela
Até o céu ficar marrom
Estou evoluindo estou evoluindo
Através das drogas (*Sodomy*, MACDERMOT, 1978)

O consumo de narcóticos é essencial para a contracultura, pois tem como objetivo explorar a consciência e de alcançar outros níveis de entendimento da realidade, que não se alcança quando não se está sobre efeito de drogas. Todavia em *Hair*, isto não é retratado, eles consomem drogas apenas por prazer. Apesar de ter referência à isto, os hippies são somente consumidores.

Uma das principais temáticas da película é a oposição e a negação da sociedade tradicional com o movimento hippie. Isto aparece em uma sequência de cenas que inicia no baile de debutantes da personagem Sheila.

Sheila é uma menina, filha de uma família tradicional e abastada de capital, que acaba conquistando Claude na primeira vez que se veem. Por este motivo A Tribo decide invadir a festa para que Claude se declare à Sheila. No aniversário, as pessoas representantes da burguesia americana, se chocam com a aparência e modo de agir dos hippies. Então, Berger é

provocado pelos pais da aniversariante, começando mais um número musical, agora com *I got Life*:

Eu tenho vida, mãe
Eu tenho risos, irmã
Eu tenho liberdade, irmão
Eu tenho bons momentos, cara
Eu tenho maneiras loucas, filha
Eu tenho um encanto de milhões de dólares, primo
Eu tenho dores de cabeça e dor de dente
E os maus momentos também (*I got Life*, MACDERMOT, 1978)

Berger canta e dança sobre a mesa, esta apresentação tem o objetivo de demonstrar aos conservadores que os hippies são pessoas normais, que estão lidando com as mesmas dificuldades que os membros da sociedade estadunidense. Mas seu único diferencial é a habilidade de se opor aos padrões impostos pela sociedade e por terem seu estilo próprio.

Na sequência, o pai de Sheila chama a polícia e os hippies são levados presos. Na prisão o grupo é questionado sobre o porquê dos cabelos longos, pois os homens deveriam possuir cabelos curtos e apenas as mulheres poderiam possuir cabelos longos, por este fato, relacionavam seus cabelos à homossexualidade. Com isso os cabelos longos se tornam uma das principais características dos homens do movimento. O número musical que dá nome ao filme, retrata esta característica e ainda traz uma refutação ao preconceito dos conservadores:

Oh diga, você pode ver
Meus olhos? Se você puder,
Então meu cabelo é muito curto
[...]
Meu cabelo como Jesus usava
Aleluia, eu adoro isso
Aleluia, Maria amava seu filho
Por que minha mãe não me ama? (Galt MacDermot, 1978)

Outra cena que apresenta essa oposição à sociedade conservadora é a que Berger vai procurar os pais para conseguir o dinheiro da fiança, com intuito de libertar seus amigos. O diálogo de Berger com seus pais exemplifica os valores de uma típica família tradicional americana, onde os valores defendidos por eles são o casamento, cursar uma faculdade, ter um emprego, usar roupas limpas e ter o cabelo curto.

Além de roupas coloridas e cabelos longos, a contracultura necessitava de um meio para se manifestar com mais grandiosidade, para confrontar a repressão, a sociedade tradicional e principalmente a Guerra do Vietnã. Estes manifestos eram feitos através da arte, e principalmente, em grandes eventos e festivais nas praças dos Estados Unidos. O mais conhecido destes é o Woodstock, com milhões de pessoas expressando sua arte.

No filme temos uma cena que se refere à uma manifestação de arte. Isto acontece logo depois que A Tribo foi liberta da prisão, quando eles se direcionam ao Central Park e lá há uma multidão de jovens fazendo manifestos artísticos. Há um palco onde alguns jovens cantam e manifestam suas críticas. Um desses manifestos foi feito por um grupo que estava discursando contra a Guerra do Vietnã, diziam: “O problema é o povo branco, mandando o povo preto, para lutar contra o povo amarelo para defender uma terra que roubaram do povo vermelho”.

Nesta manifestação Claude acaba entrando em uma viagem psicodélica, ocasionada do consumo de LSD. No delírio, ele estaria em uma igreja casando com Sheila, com o padre sendo representado por uma deusa hindú. Esta viagem é o número musical da música *Hare Krishna*:

Amor! Amor!
Cai fora! Cai fora!
[...]
Fora o velho papo
Eu estou viajando, saca só
[...]
Miçangas, flores, liberdade, felicidade (Galt MacDermot, 1978)

Não somente a música, mas também o número musical em si, trazem elementos da contracultura. Na cena, o fato deles estarem sob efeito de LSD traz novamente a alusão ao uso de droga, princípio do movimento hippie. Há uma crítica sobre a hegemonia cristã da época, pois na cena há alguns elementos do cristianismo, mas o que se prevalece são as representações hindús, se opondo ao preconceito entre religiões. E novamente vemos uma crítica à sociedade conservadora, pois o casal está casando e em seguida a noiva aparece grávida, retratando o casamento e a família, valores defendidos pelos conservadores. Também vemos uma alusão à cena em que Berger canta em cima da mesa de jantar, no baile de debutantes de Sheila. Já na letra vemos um dos maiores slogans do movimento hippie, o “Cai fora”, traduzido do inglês: “Drop Out”, que tinha o significado de escapar da realidade imposta pelos conservadores.

No capítulo *Cabelos, Flores e a Era de Aquário*, o autor Lucas Maximiliano Monteiro traz um recorte geral da contracultura, tanto no filme, quanto no musical *Hair*. Ele afirma que a contracultura foi retratada de uma forma mais “ingênua” na obra de Milos Forman, do que no musical, e comenta que o motivo disso seria que em 1979, a contracultura já não tinha a mesma força:

Na versão de Milos Forman, o movimento hippie é tratado mais ingenuamente. Para alguns críticos de cinema isso é fruto do momento histórico produzido. Em 1979 a contracultura já não tinha o mesmo impacto de antes, restando apenas o fator visual a ser explorado. (MONTEIRO, 2010, p. 180)

Enfim, Claude chega às forças armadas americanas. De lá ele avisa seus amigos onde está, e que iria para a guerra. Com isso o grupo vai até Claude, para se despedirem. Para Berger conseguir chegar até seu amigo, ele se veste de sargento, e com isso acaba cortando seu cabelo. Além disto, para que Claude consiga sair e se encontrar com o resto do grupo, Berger acaba se passando por Claude, enquanto ele ficava fora. Neste tempo, os soldados são levados para a guerra, e Berger acaba indo no lugar de Claude. Com isso acontece a maior contradição do filme, pois Berger acaba com todos os seus princípios, cortando seu cabelo e indo servir a guerra que ele tanto era contra, tudo em prol de um amigo. O filme termina com A Tribo visitando o túmulo de Berger, que acabou sendo morto na guerra, junto com isso há a cena de uma multidão de jovens em frente a casa branca protestando e pedindo para que se “Deixe o brilho do sol entrar”, esta frase dá nome a última música da obra, *Let the Sunshine in*, que traz a angústia dos jovens que foram servir à guerra:

Nós olhamos esfomeados para outro
Sem fôlego
Andamos orgulhosos com nossos casacos de inverno
Vestindo cheiros de laboratório
Encarando uma nação que morre
De uma estória escrita que é real
Ouvindo as novas mentiras contadas
Com supremas visões de músicas solitárias (Galt MacDermot, 1978)

A obra de Milos Forman traz um grande recorte no movimento de contracultura. Mostrando a maioria de suas filosofias, valores, críticas e manifestos. A contracultura não foi mostrada por completo, pois a militância pertencente ao movimento hippie não foi citado no

filme. Apesar disso o filme ainda apresenta o preconceito e intolerância da sociedade conservadora com os membros do movimento hippie, que os reprimia com suas ideais tradicionais. Sendo assim o filme *Hair* é uma grande forma de se conhecer o movimento de contracultura presente nos Estados Unidos na década de 60.

3 A BUSCA PELA VERDADEIRA AMÉRICA: RETRATO DA CONTRACULTURA NO FILME *EASY RIDER*

O filme *Easy Rider*, dirigido por Peter Fonda, Dennis Hopper e Terry Southern, estreou nos cinemas em 26 de junho de 1969. Este road movie conta a história dos motoqueiros Wyatt e Billy que após uma grande venda de drogas vindas do México conseguem dinheiro para cruzar o sul dos Estados Unidos rumo ao leste, encarando o espírito libertário da década de 60. Com o dinheiro da grande negociação escondido no tanque de gasolina da moto pilotada por Wyatt, tinham como objetivo chegar em Nova Orleans a tempo do Mardi Gras – carnaval americano – e após isso se retirarem para a Florida onde desfrutariam de suas aposentadorias. Durante a viagem, a dupla se relaciona com diversas pessoas que assim como eles não se encaixam no atual formato que a sociedade foi modelada, transparecendo a situação de muitos indivíduos inseridos na conjuntura social norte-americana da época. Um dos indivíduos de suma importância nesse trajeto é o advogado George Hanson.

Wyatt trazia em suas roupas e moto a bandeira dos Estados Unidos estampada, realocando o conceito de herói da América para aquele homem que queria de fato salvar aos outros, os libertando da sociedade capitalista. Billy mantinha o estilo de nativo americano, utilizando um chapéu de arbusto bronzeado e uma jaqueta de franjas. O início da nova liberdade adotada por eles é marcada pelo momento em que Wyatt retira seu relógio de pulso e o joga no chão para quebrar, ressaltando a ideia de que eles seriam donos de seu próprio tempo, estariam libertos de uma rotina em que o seu tempo era manipulado.

Os personagens principais percorrem toda a sua aventura utilizando motos como meio de transporte. Esse meio de transporte escolhido era tido como um símbolo de liberdade e rebeldia, associando a ideia de ter uma moto a ideia de ser livre, devido as barreiras eclodidas

com o uso desta. Para o personagem Wyatt essa ideia era ainda mais forte, visto que este usava uma Harley-Davidson FLH que sofrerá modificações, este modelo de moto também era utilizado pela polícia norte-americana da época, o que atenua ainda mais a ideia de rebeldia, mostrando que um hippie usava do mesmo poderio de um policial. Tudo isso ressalta o papel importante da moto na construção das ideias.

As paisagens pelas quais eles percorrem mostram um outro lado daquela América militarista, trazendo à tona toda sua beleza natural. Além de que, a passagem de cenas dos personagens desfrutando diferentes locais ao ar livre ressalta a liberdade que esses buscavam. Outro recurso utilizado para auxiliar na percepção do contexto do filme são as músicas, estas carregam em suas letras fortes e marcantes as ideias que se assimilam com o trecho que está passando no filme, aumentando o efeito de liberdade encontrado nas cenas, ressaltando as ideias dos momentos. Acompanhados pelo som da música popular de Steppenwolf: "Born To Be Wild" estes protagonizam uma cena com grande clamor revolucionário. A combinação entre trilha sonora e paisagens gera a ideia do momento, a tensão de tudo aquilo que está acontecendo, fazendo cenas inesquecíveis.

Ligue seu motor
Pegue a estrada
Em busca da aventura
Qualquer uma que venha em nossa direção
Sim querida, vamos fazer isso acontecer
Pegue o mundo num abraço carinhoso
Dispare todas as suas armas ao mesmo tempo
E exploda espaço afora
Eu gosto de fumaça e relâmpago
O estrondo do metal
Correr com o vento
E o sentimento que isso provoca
Como um verdadeiro filho da natureza
Nós nascemos, nascemos para ser selvagens
Podemos escalar tão alto
Eu nunca quero morrer
Nascido para ser selvagem (Born To Be Wild, BONFIRE, 1968)

Quando o pneu de umas das motos fura, Wyatt e Billy tem uma aproximação da família que vive na fazenda onde estes buscam auxílio para consertar o problema do veículo. A família composta de mexicanos-americanos não os julga como uma ameaça por suas aparências,

e os acolhem para um almoço. Diferente do que costuma acontecer com quem se depara com os personagens. Isto torna claro que nem todos viam quem buscava sua liberdade como uma ameaça, uma vez que houve interação harmônica entre hippies e uma família latino americana. Através do elogio feito ao fazendeiro sobre como este ocupa seu tempo no local onde vive, há a exaltação daquele que ocupa seu tempo da maneira como decide e não como lhe é imposto.

Você tem um lugar agradável. Não é todo homem que pode viver da terra, você sabe. Você faz o seu próprio bem no seu próprio tempo. Você deveria estar orgulhoso. (Easy Rider, HOPPER, 1969)

Após darem carona a um completo desconhecido – este recebe o nome de Estranho da Estrada – a dupla é levada até o acampamento hippie no qual este vive. A liberdade tem seu lado negativo mostrado, pois os hippies do local não vivem só em paz e amor, nem tudo é só felicidade. Em alguns casos os indivíduos que tentam buscar sua liberdade se livrando de tudo e indo morar em comunidade não são aceitos, as pessoas do acampamento passam por muitos problemas com a alimentação. Porém, muitos dos valores positivos desse grupo podem ser vistos. O amor livre tem seu lado mais belo mostrado através do envolvimento dos motoqueiros com jovens dessa tribo, eles valorizam a natureza e o seu amor, se entregando de corpo e alma um ao outro enquanto desfrutam de uma linda cachoeira.

Nem sempre os riscos de seus atos são medidos, como ocorre quando após invadirem um desfile de rua no Novo México Wyatt e Billy são presos. Porém essa prisão é necessária para que seja possível ver a corrupção da lei que é aceita pelos americanos. O advogado George Hanson, que até então estava detido e alcoolizado, os ajuda a sair da cadeia com aquilo que chama de conexões, este consegue isso através da influência de seu pai que é um homem rico e muito conhecido na cidade. O desrespeito com as escolhas pessoais relacionadas à aparência se tornava ainda mais forte entre as autoridades, já que estes usavam seu poder e soberania para impor o estilo que queriam. No diálogo a seguir, dos policiais com Hanson, temos a subordinação dos oficiais da lei em relação ao homem mais rico, onde este fala sobre como tem poder sobre as decisões dos policiais.

Bem, vocês, garotos, não se parecem com a sua parte do país. Vocês tem sorte, estou aqui para garantir que não lhes aconteça nada ... Bem, eles conseguiram isso aqui - veja - uh – cortes de leve – felizes - 'Linda América' acontecendo por aqui. Eles estão tentando fazer com que todos se pareçam com Yul Brynner. Eles usaram - uh - lâminas enferrujadas nos dois últimos

cabelos longos que eles trouxeram aqui e eu não estava aqui para protegê-los. Você vê ... uh ... eu sou ... eu sou um advogado. Fiz muito trabalho para o A. C. L. U. (Easy Rider, HOPPER, 1969)

Ao contrário do que muitos pensam, os jovens envolvidos em movimentos hippies não eram somente os pobres. O advogado, filho de um homem rico muito influente, decide seguir viagem com Wyatt e Billy, querendo encontrar a liberdade daquela rotina que leva e não se encaixa, vendo nos dois motoqueiros uma maneira de fazer isso. O pensamento negativo que as pessoas tinham sobre o uso de drogas não é novidade, porém o comportamento de George torna esse fato consolidado. O uso de drogas é muito incentivado pela dupla, na noite em que os personagens principais apresentam a maconha ao George este se mostra relutante quanto ao fato de usar e se tornar viciado, mesmo que seja viciado em bebidas alcóolicas.

- Isso é marijuana?
- O senhor tem medo, é isso?
- Bem, deixe-me ver isso. Mmmmm-mmm. Mmmm ... Eu-eu ... eu não poderia fazer isso. Quero dizer, eu tenho problemas suficientes com - com a bebida e tudo. Quero dizer, uh, eu - não posso dar conta de ficar viciado ... isso ... isso leva a coisas mais difíceis.(Easy Rider, HOPPER, 1969)

A ideia de libertação da mente aderida por eles vem como um contraponto a realidade, tendo como finalidade a criação de um universo alternativo onde se desvinculam daquilo que é visto, falado ou pensado diariamente, entrando em novos pensamentos cujos limites não existem, onde se pode experimentar ter uma mente sem controle algum. Após certa relutância, o advogado acaba experimentando da droga, começando a explorar novos horizontes de sua própria mente, ficando alto e começando a defender sua tese sobre OVNI's.

O julgamento que é feito a partir da imagem dos personagens (cabelos longos, roupas coloridas, jeito desleixado) é fortemente explicitado durante uma das primeiras cenas do filme, na qual estes não conseguem hospedagem em um hotel de beira de estrada, mesmo que este estivesse com vagas disponíveis. Na verdade, não era a aparência que assustava a sociedade, o que os fazia temer os hippies era a sua liberdade. As pessoas tinham medo de ser livres, medo de experimentar o novo. A mesma situação torna a ocorrer mais para a frente da história, quando estes são expulsos de uma lanchonete em uma pequena cidade por onde passavam.

- Todos viraram covardes, é isso. Nós nem pudemos ficar num hotel de segunda, aliás, um motel de segunda! O cara achou que a gente fosse matá-lo. Eles têm medo.
- Não têm medo de vocês, mas do que vocês representam – responde George.
- Cara, pra eles só representamos alguém que devia cortar o cabelo.
- Não. Para eles vocês representam a liberdade.
- E qual o problema? Liberdade é legal!
- É verdade, é legal mesmo, mas falar dela e vivê-la são duas coisas diferentes. É difícil ser livre quando se é comprado e vendido no mercado.
- Mas nunca diga a alguém que ele não é livre porque ele vai tratar de matar e aleijar para provar que é. Eles falam sem parar de liberdade individual mas, quando veem um indivíduo livre, ficam com medo.
- Eu não boto ninguém pra correr de medo.
- Não. Você é que corre perigo. (Easy Rider, HOPPER, 1969)

O acampamento dos três homens é atacado a noite por pessoas do vilarejo onde ficava a lanchonete da qual foram corridos. Wyatt e Billy saem com vários ferimentos, enquanto George não sobrevive as pancadas que levou. A morte do homem retrata sim a realidade, já que muitos hippies eram mortos por pessoas que se sentiam ameaçadas ou só queriam exterminar aqueles que consideravam intimidados. Uma sociedade opressora que não tinha limites, perseguia, torturava e matava aqueles que tentavam mudar a realidade utópica que era imposta. Após a morte do companheiro, Wyatt e Billy vão até o bordel que George queria tanto visitar. Lá estes são apresentados a duas prostitutas, Mary e Karen, que acompanham eles.

Após levarem as moças até um cemitério estes dividem com elas a droga (LSD) que foi dada pelo Estranho da Estrada para ser usada em um momento especial. O local escolhido já é bastante perturbador, mostra total desprendimento até da morte, que é algo tão complexo de ser entendido e explicado. Nesse momento começa uma das cenas mais co

Complexas quanto a entendimento do filme, onde sons e imagens são misturados de forma caótica (técnica chamada de avant-garde nos cinemas), a gerar certa confusão do que se está vendo e ouvindo. A ideia dessa anarquia é transmitir a quem assiste aquilo que os personagens sentem ao estar sob o efeito que as drogas trazem, o sentimento de ter sua cabeça revirada, seu corpo transcendendo.

Depois dessa confusão mental toda, Wyatt e Billy continuam seu percurso em direção ao seu destino final. Até mesmo os próprios adeptos do ideal tem seus momentos de confusão quanto aquilo que decidem viver.

Billy (alegremente ganancioso): nós fizemos isso. Nós fizemos isso. Eram ricos.

Wyatt: (Risos) Sim, cara, sim. Claramente, nós fizemos isso, cara, nós fizemos isso. Nós fizemos isso. Hã. Somos ricos, cara. Estamos aposentados na Flórida, agora, senhor.

Wyatt (introspectivamente): você sabe, Billy. Nós explodimos isso.

Billy: o que? Hã? É disso que se trata, cara. Quero dizer, como você sabe - quero dizer, você vai pelo dinheiro, cara, e então você é grátis. Você cava? (Risos)

Wyatt: Nós explodimos. Boa noite, cara! (Easy Rider, HOPPER, 1969)

Ao voltarem a seguir seu percurso, a dupla é surpreendida por uma caminhonete com dois forasteiros, armados com uma espingarda. Primeiro Billy é ferido de forma mortal após responder as provocações dos forasteiros. Para as pessoas da sociedade, os hippies não deveriam se impor, tem a obrigação de não ter voz, de nunca responder aos insultos, deveriam ouvir calados tudo aquilo. O ódio literal da América pelos hippies é mostrado no final do filme, quando Wyatt sai para procurar ajuda para seu amigo gravemente ferido e mesmo estando quieto para toda aquela humilhação este é perseguido e morto. A moto de Wyatt tem seu tanque de gasolina atingido e voa pelo ar em chamas, um símbolo de que a liberdade americana resistiria.

A viagem dos motoqueiros também representa a viagem ao mundo novo, alternativo. Tudo o que os amigos buscam na sua viagem é uma sociedade livre das amarras, sem prisão de sua cultura, sem imposição de ideais. O filme não se preocupa com o enredo da história, como pode ser visto este não conta uma história linear, o foco está nas experiências que os motoqueiros vivem.

O road movie americano aborda a contracultura de diversos ângulos diferentes, mostrando grupos distintos de pessoas que tinham a libertação da sociedade como objetivo. As variações no estilo de vida dos personagens são influenciadas por diversos fatores, como: dinheiro, posição social e local onde viviam, e é a partir dessas diferenças que ocorre o retrato social fiel ao vivido na época. Mesmo com muitos rumores e brigas *Easy Rider* conseguiu mudar e tirar da crise o cinema Hollywoodiano.

CONCLUSÃO

O cinema foi muito influenciado por esses movimentos de contracultura da década de 60 — em especial o hippie —, que buscavam se livrar das amarras da sociedade conservadora através da rebeldia e insatisfação com a cultura dominante ou cultura de massa. Os filmes influenciados pela contracultura, não necessariamente os hippies, iam ao oposto dos filmes clássicos, deixando de lado os estereótipos americanos e abordando uma temática que, geralmente, favorecia as minorias.

Enquanto *Easy Rider* foi produzido no auge dos anos 60, *Hair* chegou aos cinemas dez anos depois. Mesmo com a diferença de tempo, os dois conseguiram retratar o sentimento de liberdade que o movimento de contracultura queria passar, e mostraram a preferência por uma vida nômade, cheia de liberdades e contra o moralismo. Além disso, ambos lutavam contra o capitalismo e a hierarquia do trabalho, como é possível notar em *Easy Rider* através do fato que os dois protagonistas vendem drogas e em *Hair* onde os jovens não se ocupavam com atividades remuneradas.

Hair traz a crítica de maneira direta na forma como Claude encara os jovens hippies, contrapondo todos os valores padrões com o qual estava acostumado. Conceitos como amor livre, uso de drogas, aparência fora do padrão, mostram de maneira totalmente objetiva o movimento de contracultura. De forma contrária ao filme mais novo, *Easy Rider* trás a contracultura de forma subjetiva, expondo sua crítica em pequenos fragmentos e diálogos, mostrando diversos grupos que não se sentem inseridos na atual sociedade norte-americana.

A todo momento *Hair* é regado de canções que retratam exatamente as filosofias do movimento hippie, não deixando dúvidas de como o mesmo fora extremamente impactante para os jovens e para a sociedade em geral. No road movie de 69, o uso de músicas com teor crítico também se faz presente, porém sendo usado apenas como plano de fundo.

Em *Hair*, os protagonistas usam e abusam de vestes coloridas e totalmente fora dos padrões estéticos da sociedade norte-americana. Em *Easy Rider*, as vestes também fogem do padrão da sociedade, porém são roupas de couro, jaquetas com franja e algumas estampas representando os Estados Unidos. Nas duas obras cinematográficas, os cabelos longos são uma forma de manifestação ao modelo de masculinidade da época.

Em ambas as películas, há um imenso preconceito em relação a aparência dos hippies. Em *Hair*, os jovens recebem olhares de julgamento em diversos momentos, já em *Easy Rider* os protagonistas são julgados apenas em algumas ocasiões, sendo que em alguns casos são tratados com o devido respeito.

A contradição entre a sociedade conservadora e o movimento hippie também é retratado em ambos os filmes. Pois nas duas obras há personagens que possuem pensamentos conservadores e se mantêm firmes com essa posição, mas também há aqueles que se juntam ao movimento hippie por influência dos participantes deste.

Hair foca em um movimento de cunho artístico e antiguerra, não tanto quanto o movimento realmente fora em sua totalidade, mas de uma forma mais sutil, na qual conseguiu retratar uma parcela deste. Já *Easy Rider* mostra diversas facetas de grupos que buscam sua liberdade. Nos dois filmes, os personagens principais morrem em nome da pátria. Um morre em decorrência da Guerra do Vietnã e o outro pelo ódio e preconceito dos estadunidenses.

O movimento de contracultura não só influenciou o cinema hollywoodiano, como também influenciou a arte como um todo na época, porque possuía valores musicais, filosóficos e culturais. Fazendo da contracultura, não apenas um estilo de vida e uma forma de protesto, mas sim uma grande influenciadora dos meios culturais.

REFERÊNCIAS

Fontes primárias

Hair. Direção: Milos Forman, Produção: Michael Weller e Twyla Tharp. Estados Unidos (DE): Warner Bros, 1979.

Easy Rider. Direção: Dennis Hopper, Produção: Peter Fonda. Estados Unidos (DE): Columbia Pictures Corporation/ Pando Company Inc./ Raybert Productions, 1969, DVD.

Fontes secundárias

CASTRO, Nilo André Piana. Cinema e Guerra do Vietnã: uma visão geral. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; PADRÓS, Enrique Serra (orgs.). **68: História e Cinema**. Porto Alegre: EST, 2008, p. 39 - 50

FERRO, M. Filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Orgs.). **História: novos objetos**. Trad.: Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976, p. 202-203.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; BECK, José Orestes; QUINSANI, Rafael Hansen; GONZAGA, Sandro. Sonhos de 68: sexo, cinema e... revolução? In: **Revista Sociais & Humanas**. Vol. 31, nº 2. Santa Maria: UFSM, 2018, p. 9-23.

LOPEZ, Luiz Roberto. 1968: ou como a política invadiu a cultura. In: HOLZMANN, Lorena; PADRÓS, Enrique Serra (Orgs.). **1968: contestação e utopia**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003, p. 91 - 100.

MACIEL, Maria Eunice. Quando o mundo era Jovem. In: HOLZMANN, Lorena; PADRÓS, Enrique Serra (Orgs.). **1968: contestação e utopia**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003, p. 35 - 39.

MARTINI, Maria Luiza Filippozzi. Hair. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; FERREIRA, Leticia Schneider; MONTEIRO, Lucas Maximiliano; GONZAGA, Sandro (orgs.). **Tio Sam vai à guerra: os conflitos bélicos dos Estados Unidos através do cinema**. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2010, p. 182 - 191.

MONTEIRO, Lucas Maximiliano. Cabelos, flores e a era de aquário: Hair de Milos Forman e a contracultura norte-americana. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; FERREIRA, Leticia Schneider; MONTEIRO, Lucas Maximiliano; GONZAGA, Sandro (orgs.). **Tio Sam vai à guerra: os conflitos bélicos dos Estados Unidos através do cinema**. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2010, p. 171 - 181.

PADRÓS, Enrique Serra. Introdução - 1968: contestação e utopia. In: HOLZMANN, Lorena; PADRÓS, Enrique Serra (Orgs.). **1968: contestação e utopia**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003, p. 9 - 16.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. São Paulo: Editora Brasiliense. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira. O contexto de 1968. In: HOLZMANN, Lorena; PADRÓS, Enrique Serra (Orgs.). **1968**: contestação e utopia. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003, p. 19 – 26.

SENGER, Guilherme Felkl. Corações & mentes norte-americanos e vietnamitas. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; PADRÓS, Enrique Serra (orgs.). **68**: História e Cinema. Porto Alegre: EST, 2008, p. 31 – 37.

Recebido em: 14/11/2019 / Aprovado em: 19/02/2020